ENTREVISTA DE MOACYR SCLiar A
CRISTINA FERREIRA-PINTO BAILEY E REGINA ZILBERMAN¹

Fale dos seus anos de formação: onde se criou, os anos de escola, situações e pessoas que marcaram sua infância e adolescência. Você frequentava a escola com crianças da cultura dominante? Você se sentia muito diferente das outras crianças?

Scliar: Nasci e me criei no bairro do Bom Fim, em Porto Alegre, à época um bairro de imigrantes judeus vindos da Rússia (o caso dos meus pais). Era gente pobre; os chefes de família eram alfaiates, vendedores ambulantes, lojistas, marceneiros. Moravam em casinhas muito pequenas, viviam em condições precárias, mas formavam uma comunidade muito unida; todas as noites se reuniam, para conversar, para contar histórias, em geral relacionadas com sua vivência de imigrantes. Eu gostava muito de ouvir essas histórias – meu pai era um notável narrador – e elas foram minha primeira motivação para a literatura. Estudei na escola do bairro, a Escola de Educação e Cultura, conhecida como o Colégio Ídiche, e depois no Rosário, um colégio católico, e no Júlio de Castilhos, a escola pública mais destacada de Porto Alegre e que era conhecida como um celeiro de intelectuais.

Quando você começou a escrever? Que influências vê na sua literatura? Que autores o marcaram?

Scliar: Comecei a escrever muito cedo, estimulado por minha mãe, que era professora do primeiro grau e uma grande leitora (meu nome é uma homenagem a José de Alencar). Eu lia muito, os autores que fizeram a cabeça de minha geração: Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Mario Quintana. Aos poucos fui descobrindo

¹ Moacyr Scliar, nascido em Porto Alegre, em 1937, estreou em livro em 1962, com os contos de *Histórias de um médico em formação*. Em 1968, lançou os contos de *O carnaval dos animais*, e, em 1972, o romance *A guerra no Bom Fim*. Dedicou-se sobretudo à ficção, podendo-se destacar entre suas obras, *A guerra no Bom Fim* (1972), *O exército de um homem só* (1973), *O ciclo das águas* (1977), *O centauro no jardim* (1980), *O olho enigmático* (1986), *A orelha de Van Gogh* (1989), *A majestade do Xingu* (1997), *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999) e *Os vendilhões do templo* (2006). Scliar recupera o percurso dos judeus no Brasil e discute tanto a questão étnica, quanto a social, empregando o estilo fantástico e a alegoria.

Machado, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector. Autores que me marcaram e com quem aprendi muito.

Fala-se em um “humor judeu”. Ele existe? Você poderia explicar o que é esse humor? Em que é diferente – se o é – o humor judeu do humor brasileiro?

Scliar: Claro que existe um humor judeu. É um humor contido, amargo, melancólico, filosófico; representa um mecanismo de defesa contra o desespero constantemente experimentado por um grupo humano sofrido, perseguido. O humor brasileiro é mais alegre, mais escrachado, é o humor da gargalhada, enquanto o humor judaico é o humor do ténue sorriso.

Como um escritor judeu pode se posicionar perante a tradição e a religião judaica, cujas origens remontam à Antigüidade?

Scliar: Mediante uma visão histórica e cultural. É preciso entender que tanto a religião como a tradição judaicas correspondem à trajetória desse grupo humano, primeiro como um dos numerosos povos do Oriente Médio, em busca de identidade, de espaço territorial, lutando para sobreviver; depois, na diáspora, enfrentando a discriminação e a ameaça de extermínio. Isto nos permite entender os característicos da ética e da tradição judaicas. Entender não significa necessariamente endossar; o meu judaísmo nada tem de religioso, é algo afetivo e também cultural: afinal, estamos falando de um grupo que sempre valorizou o texto e que deu à humanidade um expressivo número de escritores, poetas, intelectuais.

Que papel desempenha o intelectual judeu brasileiro na nossa sociedade? De que forma intervém (pode e/ou dever intervir) no cenário nacional?

Scliar: O judeu sempre foi um tipo marginalizado, o que é causa de sofrimento mas dá à pessoa um olhar privilegiado: ela vê coisas que as pessoas que estão bem adaptadas nem sempre vêem. E isto pode resultar em desenvolvimento de novos setores de atividades (o cinema, nos Estados Unidos, o crediário no Brasil) mas pode também gerar uma visão crítica da problemática social, transformando-se em contestação, o que explica o fato de que muitos judeus foram e são militantes sociais. Num país como o Brasil, com suas ainda clamorosas desigualdades, esta contribuição pode ser muito importante.

Ainda hoje existem aqueles que continuam a defender e acreditar na imagem do Brasil como “democracia racial”. Sabemos no entanto que a discriminação e o conflito racial formam parte da realidade brasileira. Fale das suas experiências nesse sentido. É uma utopia pensar que um dia será possível erradicar toda forma de discriminação e que, sim, seremos uma democracia pluriétnica?

Scliar: Não posso dizer que eu tenha sido perseguido por ser judeu, mas muitas vezes, na infância sobretudo, tive de tomar consciência, e de forma dolorosa, do fato de ser “diferente”. Realmente, no Brasil o preconceito é algo dissimulado, mas isto está mudando. O país está enfrentando esta questão, não raro sob forma

de uma discussão amarga (como o mostra o debate sobre cotas para negros no ensino superior), mas não tenho dúvidas de que estamos no caminho certo e nos transformaremos, sim, num “melting pot”, numa democracia pluriétnica.

O que significa para você “ser brasileiro”?

Scliar: Significa, em primeiro lugar, viver num país imenso, com uma natureza deslumbrante e com um potencial de riqueza incalculável. Significa fazer parte de uma cultura multifacética, que resulta numa arte extremamente original. E significa conviver com a pobreza, com a violência, com a corrupção. Ser brasileiro é uma inspiração – e é uma responsabilidade. Se sou grato à inspiração devo, contudo, assumir também a responsabilidade de colaborar com meu esforço para melhorar o país.

Como você definiria a literatura produzida por jovens escritores judeus brasileiros? Você se “reencontra” em algum deles por afinidade ou influência?

Scliar: É uma literatura que mistura os elementos da realidade brasileira com a história e a cultura judaicas. Uma mistura que, no meu modo de ver, dá muito certo – e representa uma contribuição importante para a cultura de um país no qual o judaísmo, afinal de contas, esteve presente desde a chegada dos portugueses através dos cristãos-novos que aqui vieram em busca de uma nova vida. Judaísmo é um ingrediente antigo da vida brasileira e os jovens escritores de ascendência judaica estão dando continuidade a essa presença.